



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR – UCSAL
CURSO BACHAREL EM PSICOLOGIA**

ANDRESSA POSSIDÔNIO DE OLIVEIRA

**FACETAS DA LESBOFOBIA NAS REDES SOCIAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NOS
PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DA LESBIANIDADE**

SALVADOR

2024

ANDRESSA POSSIDÔNIO DE OLIVEIRA

**FACETAS DA LESBOFOBIA NAS REDES SOCIAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NOS
PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DA LESBIANIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Psicologia da Universidade Católica
do Salvador, como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Ms. Eurides Simões Soares
Hide

SALVADOR

2024

ANDRESSA POSSIDÔNIO DE OLIVEIRA

**FACETAS DA LESBOFOBIA NAS REDES SOCIAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NOS
PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DA LESBIANIDADE**

Artigo apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Católica do Salvador,
como requisito parcial para obtenção do grau de bacharela em Psicologia.

Salvador, 09, de dezembro de 2024.

Banca examinadora:

Eurides Simoes Soares Hide - UCSAL
Orientadora

Sumaia Midlej Pimentel Sá - - UCSAL
Convidado 1

Gilvânia Moreira De Andrade
Convidado 2

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho à todas as mulheres que amam outras mulheres.

Dedico este trabalho aos amores da minha vida, minha mãe Ana e à minha namorada Marília, por todo apoio que me fez chegar até a

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: caracterização das mulheres pesquisadas pagina ----- pagina 7 - 8

Tabela 2: conteúdo dos vídeos e comentários provenientes ----- pagina 8 - 10

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBTQIAPN+ lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binárias

RESUMO

Este estudo investiga como a violência de gênero e a lesbofobia se manifestam, especialmente nas redes sociais, analisando o estigma direcionado aos corpos lésbicos e os impactos dessa dinâmica na significação da lesbianidade. Com base em uma pesquisa documental, foram pesquisados comentários concretos em vídeos do Instagram, identificados por hashtags como #sapatão, #sapadrão, #lésbicas e #casallésbico, evidenciando como a lesbofobia se adapta às novas formas de interação social. Os resultados mostram que, apesar dos avanços sociais, estruturas de preconceito persistem, promovendo exclusão, falta de representação e dificuldades na construção identitária de mulheres lésbicas. Conclui-se que o tema requer novas pesquisas, incluindo grupos diversos, como mulheres lésbicas transgênero, para aprofundar a compreensão dos impactos da lesbofobia em diferentes vivências.

Palavras-Chave: Lesbofobia; Heteronormatividade; Lesbianidade; Violência, gênero

ABSTRACT

This study investigates how gender-based violence and lesbophobia manifest, particularly on social media, analyzing the stigma directed at lesbian bodies and the impacts of this dynamic on the meaning of lesbian identity. Based on a documental research approach, concrete comments on Instagram videos were examined, identified through hashtags such as #sapatão and #lésbicas, highlighting how lesbophobia adapts to new forms of social interaction. The results show that, despite social advancements, structures of prejudice persist, fostering exclusion, lack of representation, and challenges in the identity construction of lesbian women. It is concluded that the topic requires further research, including diverse groups such as transgender lesbian women, to deepen the understanding of the impacts of lesbophobia on different experiences.

Keywords: Lesbophobia; Heteronormativity; Lesbianism; Violence and gender

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ASPECTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS.....	11
3. MÍDIAS DIGITAIS E REDES SOCIAIS COMO PROCESSO DE INTERAÇÃO COM A SOCIEDADE	12
3.1. A IMPORTÂNCIA DO MANUAL DE CONDUTA NA REDE.....	13
4. ENTRE LINHAS E COMENTÁRIOS.....	13
5. CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES PESQUISADAS.....	14
6. CONTEXTO HISTÓRICO – IMPLICAÇÕES RELIGIOSAS E SOCIAIS DA LESBIANIDADE..	19
7. O PAPEL SOCIAL DA MULHER	20
8. O CORPO DA MULHER LESBICA – ESTIGMAS E ESTEROTIPIAS.....	21
9. INVISIBILIZAÇÃO: A RESSIGNIFICAÇÃO DA MULHER LÉSBICA.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24

1. INTRODUÇÃO

A motivação para esta pesquisa surgiu quando percebi que, após me assumir lésbica, a forma como as pessoas me enxergava mudou completamente. A partir desse momento, comecei a notar uma nova camada de estigmatização sobre o meu corpo, um olhar externo que passou a me rotular e a estabelecer expectativas limitantes. Esperavam que eu agisse de forma masculina, como se a minha orientação sexual automaticamente me encaixasse em um papel de gênero que não escolhi, trazendo um peso de julgamentos e preconceitos. Inesperadamente, comecei a ser tratada com inferioridade, em um lugar que me afastava da minha feminilidade.

Mesmo sendo desfeminizada – ou seja, uma mulher que não segue os padrões femininos convencionais me reconheço como mulher, com um corpo e uma identidade feminina que permanece íntegra. Minha aparência ou o fato de não atender às expectativas de feminilidade impostas pela sociedade, não alteram minha identidade. Sou uma mulher que sente atração por outras mulheres, e esse aspecto da minha orientação sexual deveria ser respeitado sem que houvesse uma cobrança para que eu agisse de forma “masculina”

Essas observações me levaram a pensar sobre orientação sexual e sobre violência de gênero, que está diretamente elencada a todo o movimento LGBTQIAPN+. As pesquisas me mostraram que lésbicas vivenciam a violência e o apagamento desde muito cedo, inclusive pela própria comunidade, onde os homens cis gays se tornam protagonistas da maioria das discussões. A violência de gênero e lesbofobia se manifestam de forma velada na sociedade, é árduo identificar que se está sendo violentado de alguma forma e que isso pode acontecer devido a ser mulher, sendo ainda mais agravante se você for lésbica.

As minhas experiências me levaram a uma reflexão sobre como a sociedade estigmatiza corpos lésbicos, sejam eles feminilizados ou não. Nesse sentido a minha pesquisa busca compreender e discutir essas dinâmicas, explorando como a violência simbólica e o preconceito se manifestam na vida de mulheres lésbicas que desafiam as normas sociais do gênero.

São essas descobertas que impulsionam essa pesquisa e é neste trabalho de conclusão de curso que elas irão se materializar. Nessa perspectiva, faz-se necessário entender como as estruturas sociais pré-estabelecidas podem ter impactos na construção do sujeito. Dessa forma, a presente pesquisa busca responder à pergunta norteadora “Como ocorreu a construção da

lesbofobia e de que forma ela se manifesta nas redes sociais?”, buscando identificar as consequências desse processo para a significação da lesbianidade

Esta pesquisa tem como relevância entender a construção da lesbofobia, de que forma ela se estabelece e pode moldar o sujeito e os impactos possíveis nas maiores afetadas nesse processo que são as mulheres lésbicas.

2. ASPECTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Quanto à metodologia a pesquisa empregada foi do tipo documental. Conforme descrito por Gil (2002) esse método envolve a análise de documentos, os quais foram utilizados vídeos pesquisados no Instagram, uma vez que a Internet se configura como uma excelente oportunidade para o desenvolvimento de pesquisas e estudos, utilizado para isso as hashtags #sapatão, #sapadrão, #lésbicas e #casallésbico considerados, para este trabalho, como de documentos de primeira mão, esses registros são considerados originais porque não foram analisados anteriormente e já no que se refere aos documentos de segunda mão, foram utilizados os textos em forma de artigo e livros como o livro *Corpos que importam*, história da sexualidade, e artigos sobre lesbofobia porque este já passaram por algum tipo de análise, mas podem ser revisados e ajustados aos novos objetivos da pesquisa. A pesquisa documental é adequada quando se pretende obter informações a partir de registros previamente existentes, economizando tempo e recursos na coleta de dados, além de permitir uma análise crítica e reinterpretada dos documentos em função dos objetivos da pesquisa

Os dados foram coletados a partir de um critério de busca de registros no Instagram e Tik Tok, este foi excluído, logo no início, pois o foco da pesquisa que visavam encontrar lesbofobia e estigmatização não foi tão expressivo quanto na rede social Instagram.

O meio de busca foi através das hashtags #sapatão, #sapadrão, #lésbicas e #casallésbico, foram selecionados em torno de 60 vídeos, destes o critério de exclusão foi ter menos de 1 minuto ou mais de 1 minuto de duração, ter menos de 30 comentários e estar fora do foco desta pesquisa, chegando ao número de 30 vídeos, destes o critério para serem selecionados foi dois vídeos por ano do período selecionado. Ficando ao final com um total de 10 vídeos selecionados para uso nesta pesquisa. Esta etapa inicial de pesquisa levou em torno de 48 (quarenta e oito horas) da pesquisadora.

Esses registros e seus respectivos comentários foram filtrados em trends do Instagram, com foco em manifestações de lesbofobia e estigmatização de corpos lésbicos. As

características físicas e o conteúdo dos vídeos foram descritos em uma tabela afim de humanizar as participantes, e os comentários foram extraídos e organizados em uma tabela e posteriormente categorizados de acordo com a literatura encontrada. Dos 150 comentários analisados, uma grande parte, cerca de 60%, apresentava conteúdo que reforçava estereótipos negativos ou preconceitos contra mulheres lésbicas, seja por meio de discursos de ódio ou pela estigmatização de seus corpos.

A inclusão dos vídeos correspondeu aos seguintes critérios: 1) Ter um lapso temporal de 4 anos entre janeiro de 2020 e janeiro de 2024, tendo sido selecionado dois vídeos por cada ano, 2) O idioma ser português, 3) Ter no máximo 1 minuto de duração, 4) Ser protagonizado por mulheres lésbicas cisgênero, identificado pela biografia do Instagram ou pelo conteúdo do vídeo, 5) Ter no mínimo 30 comentários.

Neste estudo, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). O processo seguiu as três etapas principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

3. MÍDIAS DIGITAIS E REDES SOCIAIS COMO PROCESSO DE INTERAÇÃO COM A SOCIEDADE

Em seu livro *A sociedade em rede*, Manuel Castells conta que assim como aconteceu na Grécia por volta do ano 700 a.C com o “*espírito alfabético*” que possibilitou o avanço da ciência preenchendo uma brecha entre o que se era falado e escrito, acontece no mundo contemporâneo com as mídias digitais e a vivência em rede. Explorando como as tecnologias de comunicação transformaram a maneira como vivemos e entendemos a cultura se utilizando do conceito de *virtualidade real* para mostrar que na sociedade contemporânea, símbolos, imagens e informações digitais moldam a nossa percepção da realidade. (Castells, 1999)

Essa nova dinâmica cultural permite que as pessoas interajam com as mídias existentes e criem seus próprios conteúdos, podendo assim se conectarem com o mundo inteiro, mas também gerando tensões e perda da singularidade. As redes ao mesmo passo em que dão voz às pessoas, também se mostram como uma ferramenta potente de manipulação e controle, redesenhando a cultura, as relações humanas e até mesmo o poder político. (Castells, 1999)

Como afirma Postman “nós não vemos a realidade como ela é, mas como são nossas linguagens”, para ele, as diferentes maneiras de comunicação sejam elas, escrita, audiovisual

ou digitais moldam não apenas a maneira como recebemos informações, mas também como construímos significado e entendemos a realidade. (Postman, 1985)

3.1. A IMPORTÂNCIA DO MANUAL DE CONDUTA NA REDE

O Instagram, assim como outras redes sociais, adota uma postura rígida contra violência, discurso de ódio e assédio em sua plataforma. A empresa proíbe qualquer conteúdo que incentive agressões ou promova atos violentos, assim como discursos que desumanizem ou marginalizem pessoas com base em raça, etnia, religião, gênero, orientação sexual e outras características. Essas diretrizes têm papel fundamental na manutenção da plataforma e saúde mental dos seus usuários, pois, buscam proteger especialmente grupos historicamente vulneráveis, como minorias raciais, a comunidade LGBTQIAPN+ e pessoas com deficiência. Para isso, a plataforma oferece ferramentas de denúncia e mecanismos de proteção, incentivando um ambiente seguro e acolhedor para todos os seus usuários (Meta Platforms Inc., 2024).

4. ENTRE LINHAS E COMENTÁRIOS

Na Grécia antiga, a homossexualidade masculina era culturalmente complexa e profundamente enraizada nas práticas sociais, políticas e educacionais das cidade-estado, especialmente em Atenas e Esparta. Essas relações eram aceitas socialmente e até celebradas, especialmente entre a elite, pois faziam parte da formação cívica e militar dos jovens. (FOUCAULT, 1984)

É possível encontrar na história muitas referências de homossexualidade masculina, mas existiu um apagamento político no que se refere às relações entre mulheres. Registros de mulheres lésbicas são quase impossíveis de serem encontrados, não porque tal identidade não existisse, mas porque a maioria das mulheres ao longo da história viveram em situações que não permitiam tal expressão, com exceção talvez de Safo. (Gimeno, 2005)

Assim, podemos discutir o conceito de “domesticidade feminina”, no qual a sociedade patriarcal e heteronormativa exerce uma influência direta sobre os corpos das mulheres, condicionando-os a serem obedientes, submissos e disciplinados. Nesse contexto, há mecanismos de controle e autocontrole da sexualidade feminina, mesmo nas relações em que os homens não estão incluídos. (Toledo; Filho 2010)

A heteronormatividade estabelece relações ao privilegiar a heterossexualidade como norma social e natural, marginalizando ou invisibilizando outras formas de sexualidade. Ele cria posições baseadas em papéis de gênero, onde o homem heterossexual ativo é visto como dominante, enquanto aqueles que ocupam papéis considerados passivos, como mulheres e pessoas de sexualidades não heteronormativas, são subjugados. Assim, as relações são moldadas por uma lógica de poder e controle, em que a masculinidade heterossexual é superior e dominante, e as demais identidades e orientações sexuais são desvalorizadas. (Welzer-Lang, 2001)

O estudo da lesbianidade ainda adota essa perspectiva androcêntrica e heteronormativa, interpretando frequentemente o relacionamento entre mulheres como uma consequência de uma "falha" na experiência com homens. Esta estigmatização inclui teorias sobre frustração amorosa com homens infiéis ou abusivos, traumas sexuais na infância ou na vida adulta, e até a noção de que mulheres lésbicas são aquelas vistas como menos capazes, ou não suficientemente bonitas, para despertar o interesse dos homens. (Toledo; Filho 2010)

Os estudos sobre sexualidade, especialmente nas áreas de antropologia e sociologia, frequentemente direcionaram seu foco para a figura da "lésbica masculina", também conhecida como a lésbica "Butch", o que se revela como um tópico problemático (PISCITELLI, 2008). Uma análise detalhada dos traços dessa figura se concentra em três dimensões principais: iniciativa sexual e social, travestismo e presença de traços morfológicos e psicológicos "masculinos". Nesse sentido, mulheres que se atraem unicamente por outras mulheres, que optam por utilizar roupas mais largas, expressar sua opinião socialmente, busca por independência financeira ou ter uma postura que não é esperada para uma mulher dentro das normativas de gênero, são empurradas para categoria homem, em muitos casos, o ódio ao corpo se manifesta. (BRANDÃO, 2010)

5. CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES PESQUISADAS

Participaram dessa investigação 15 mulheres lésbicas com idades entre 20 e 60 anos que residem no Brasil, suas características físicas serão descritas e a fim de proteger suas identidades, seus nomes serão trocados por nomes fictícios sendo eles: Pocahontas, Cinderela, Bela, Rapunzel, Elsa, Moana, Tiana, Aurora, Branca de neve, Mulan, Jasmine, Valente, Ariel, Fiona, Namaari e Raya, que serão apresentadas na tabela seguinte.

TABELA 1: *Caracterização das mulheres pesquisadas*

VÍDEO 1: Tiana e Pocahontas	Tiana está dançando. É uma mulher branca, magra, baixa, de cabelos longos, está vestindo uma calça e uma camiseta. Pocahontas está sentada e é uma mulher negra, baixa, magra, de cabelos longos, está vestindo uma calça e camiseta. São um casal.
VÍDEO 2: Jasmine	Jasmine está dançando, é uma mulher alta, branca, de cabelo longo raspado na lateral, magra, está vestindo roupas de academia.
VÍDEO 3: Aurora	Aurora está dançando, é uma mulher branca, alta, magra, com cabelos longos raspados na lateral, está vestindo short e camiseta.
VÍDEO 4: Cinderela	Cinderela está dançando, é uma mulher alta, branca, de cabelo longo raspado na lateral, e está vestindo short, camiseta e boné.
VÍDEO 5: Moana	Moana está se arrumando, é uma mulher baixa, branca, gorda, de cabelos longos e cacheados, está vestindo uma camiseta de time e short jeans.
VÍDEO 6: Branca e Valente	Branca é uma mulher alta, branca, magra, de cabelos longos e pretos, está vestindo short e camiseta. Valente está grávida, é uma mulher alta, branca, de cabelos longos e pretos, está vestindo um top e um short. São um casal, estão se abraçando e celebrando a gestação.
VÍDEO 7: Elsa e Naamari	Elsa é uma mulher alta, de cabelos curtos brancos, idosa, magra, branca, está vestindo um vestido preto. Naamari é uma mulher baixa, magra, idosa, de cabelos longos brancos, está vestindo um vestido branco. São um casal, estão participando de um ensaio fotográfico romântico.
VÍDEO 8: Bela, Ariel, Fiona e Rapunzel	Bela é uma mulher negra, de cabelos longos cacheados, gorda, baixa e está vestindo short e camisa. Ariel é uma mulher gorda, branca, baixa, de cabelos longos presos, está vestindo short e camisa. Fiona é uma mulher magra, alta, branca, de cabelos longos, está vestindo um short e camiseta. Raounzel é uma mulher magra, branca, baixa, de cabelos curtos, e está vestindo camiseta e short.

	Se trata de dois casais que estão dançando.
VÍDEO 9: Mulan	Mulan é uma mulher alta, branca, magra, de cabelo longo raspado na lateral, e está vestindo um terno. Está se arrumando.
VÍDEO 10: Raya	Raya é uma mulher negra, de cabelos longos e cacheados, gorda. Está gravando um vídeo enquanto canta.

Fonte: Elaborada pela autora usando como base os dados da pesquisa, 2024

A tabela a seguir apresentam-se os comentários provenientes dos vídeos selecionados.

TABELA 2: *Conteúdo dos vídeos e comentários provenientes.*

NOME	DESCRIÇÃO	COMENTÁRIOS
POST 1 (JAN 2020)	Mulher lésbica dançando com sua parceira.	<ul style="list-style-type: none"> • Na hora H quem fica duro? • Dentro de casa tudo bem, mas na rua? Aí já é demais. • Só parece msm kkk pq pistola não tem kkk • Ridículo • E a pistola ela não tem e nunca vai ter • vergonha • É homem mesmo, aprendeu a mentir • O vergonha alheia • Só pode ser um personagem mesmo viu pq uma pessoa assim né normal não
POST 2 (JAN 2020)	Mulher lésbica dançando sozinha.	<ul style="list-style-type: none"> • Nós homens somos assim é? • Por que ela dança como se tivesse o membro lá em baixo? Kkkk • A camiseta eu não sei, mas o short é 100 pau. • Ainda bem que não tem o risco de quebrar os ovos • Mulher querendo ser hétero top • Antes da internet, você passava vergonha onde? • Filha você não tem o necessário pra isso. Assim fica ridículo. • Que ridículo • Eu gosto de homens prefiro homens • Por que gays imitam héteros, se eles n gostam de héteros? • Vai lá por um absorvente e lavar uma louça muié. • O bullying ainda é necessário
POST 3 (JUN 2021)	Mulher lésbica dançando sozinha.	<ul style="list-style-type: none"> • Eu sou hétero, então está tudo certo, pois estou vendo uma figura masculina • Eu fiquei até em dúvida se gosto de homem ou de mulher kkkk • Não gosto, mas gostei • Olha ela me fazendo duvidar da minha sexualidade. • Cara eu sou hetero.... Mas nesse caso eu tenho dúvidas • Mulher do seu, agora tô na dúvida • É com um vídeo desse que eu digo e minha sexualidade será que tá em dia ...oh amor eu sou hétero tu põe muita de nós na dúvida • Meu marido não pode saber, mas estive aqui • E eu essa hora aqui olhando todos os vídeos e duvidando da minha sexualidade

<p>POST 4 (OUT 2021)</p>	<p>Mulher lésbica dançando sozinha.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mulher tentando ter marra de homem é RIDÍCULO • Síndrome do saco imaginário • Que coisa esquisita • Ta precisando e de um macho • Faltou só pegar no ovo • Por causa dessas que nós sofremos preconceito • Nada contra mas pra que? • Julgam os héteros top, mas na primeira oportunidade tá fazendo igual kkkkkkkkkkkkkkk • O que estão fazendo com meu bonde? Pq estão virando cosplay de hétero top?Seeem oor... • Não entendo a lésbica que não gosta de homens, mas quer parecer um • Tadinha, o sonho da moça aí era ter pau • Que bizarro • Imagino a decepção dessa mãe • Volta Jesus • O médico até tava em dúvida se era menino ou menina
<p>POST 5 (FEV 2022)</p>	<p>Mulher lésbica se arrumando.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Eu já vi de tudo nessa vida, mas uma hétera top é a primeira vez o bullying é necessário em certos casos • por isso q a gente sofre homofobia • Nem toda lésbica, mas sempre uma lésbica • Quando eu falei que era lésbica pra minha mãe, o medo dela era eu ficar assim • Bota a mangueira pra fora • Quando falo que gosto de mulher eles acham que é esse estilo e passo longe kkkk • Aí gente plmds parem com esses comentários maldosos credo desse jeito eu n consigo curtir tds • Descarregar um caminhão de tijolo não quer né? • Você não é homem, você nunca vai ser tão bom quanto um homem, você está aqui para os homens.
<p>POST 6 (AGO 2023)</p>	<p>Casal de duas mulheres lésbicas anunciando a gravidez.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • os mlk vieram a cara do pai • Engravidou com o dedo? • A cara do pai • Precisaram de um homem, sozinhas nao faziam filhos • Dedo já faz menino? • Quem é o homi? • Caso não der certo a relação das duas mulheres, quem paga a pensão? • Inseminação artificial, ou seja, precisou de um homem • Família: REPRODUÇÃO. • tá faltando o pai? trisal? • Eno final teve que usar o homem neh kkkkk c na criança não vem homem • Oia q lindo, continuaram precisando de homem felicidades e saúde • Coitados dessa criança, pior foi a escolha do pai, em fazer a doação de espermatozoides pra criatura como vocês • Luto por essas crianças • Quem reproduz é só macho e é fêmea

POST 7 (DEZ 2023)	Duas mulheres lésbicas idosas em ensaio fotográfico.	<ul style="list-style-type: none"> • Estamos vivendo finais dos tempos • Acho que a imagem de uma senhora ou uma vovozinha nessa situação é muito pesada, cada um vive do jeito que quiser, mas quando se expõe em rede social significa que está pedindo opinião, e eu acho muito feio • Volta logo Jesus, esse mundo está assustado • Estranho isso • Que palhaçada em • A sacanagem não tem idade • Umas veia dessa perto de partir pra glória tinha que se converterem • Ate as velhas tem que aceitar jesus
POST 8 (FEV 2024)	Dois casais lésbicos dançando.	<ul style="list-style-type: none"> • Tropa de quem tá esperando aparecer um casal no vídeo • Todas são ridículas meu Deus fim dos tempos • Tem que aceitar jesus • Procurando um casal até agora! • Não tem casal aí, só tem 4 mulher! • Nenhum homem quis, aí, resolveram o problema entre elas mesmo • Só imagino 2 tabac@@ se esfregando até sair o caldo delgado • Denunciando com sucesso para ser assim não precisa tá mostrando • Casal, é macho e fêmeaou homem e mulher. Isso aí no máximo podemos chamar de dupla gay • Jesus precisa voltar
POST 9 (FEV 2024)	Mulher lésbica se arrumando.	<ul style="list-style-type: none"> • Minha gente ela ou ele me tirem essa dúvida obrigado • Ela transforma até agente que gosta de homem • Ela é o homem dos sonhos • Olha q não gosto da fruta! mas essa aí me deixou com dúvida agora • Uma mulher linda dessa eu esquecia até que eu era mulher kkkkkk • De uns dias pra cá comecei a duvidar da minha sexualidade • Deus fez homem e mulher e é pra ser assim
POST 10 (ABR2024)	Mulher lésbica se gravando e cantando música.	<ul style="list-style-type: none"> • Onde você tem estilo de homem? Homem não é largado não. Homem se cuida. • E macho? Bora pro exército • Usa cueca? • Louça lavada, evita paulada • Estilo de doida que saiu do hospício • Falta de roupa pra lavar

Fonte: Elaborada pela autora usando como base os dados da pesquisa, 2024

Após a seleção e filtragem os comentários foram divididos em 4 categorias, a fim de agrupá-los sistematicamente de acordo com metodologia proposta por Bardin (2011) a literatura encontrada. São estas categorias: 1) *Contexto histórico*, que vai traçar como se deu o surgimento da palavra lésbica e conseguinte da lesbofobia; 2) *O papel social da mulher* que explica a organização social de gênero na sociedade; 3) *O corpo da mulher lésbica* que traz a estigmatização do corpo da mulher lésbica como algo a ser repudiado; 4) *Invisibilização: a*

ressignificação Da mulher lésbica que traz uma reflexão sobre psicologia clássica e um contraponto baseado na obra de Judith Butler.

A categorização dos documentos é essencial para garantir que a pesquisa siga uma linha de raciocínio clara, baseada na relação de causa e consequência, permitindo uma análise mais aprofundada e estruturada dos dados. Isso garante que os resultados da pesquisa sejam conectados de forma lógica e consistente, fortalecendo a compreensão das especificidades investigadas.

6. CONTEXTO HISTÓRICO – IMPLICAÇÕES RELIGIOSAS E SOCIAIS DA LESBIANIDADE

Na história há um apagamento no que se refere à relação entre mulheres, com exceção de Safo¹ (GIIMENO 2005). Em sua obra *Segundo a Natureza: A Sexualidade na Antiguidade Clássica*, a historiadora Eva Cantarella (1988), discute a posição das mulheres e a expressão da sexualidade feminina na antiguidade, destacando a origem da palavra lésbica que está associada a ilha grega de Lesbos, lugar onde viveu a poetisa Safo.

Esse apagamento histórico não apenas contribuiu para a invisibilização das experiências de mulheres que se relacionam com outras mulheres, mas também reforçou a discriminação e o estigma que enfrentam na sociedade contemporânea.

A homofobia, termo que inclui também a lesbofobia que diz respeito à discriminação contra mulheres lésbicas ultrapassou gerações. Como afirma Daniel Borillo (2010), “o objeto da rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social”.

Borillo (2010) complementa a argumentação do Foucault (1984) no seu apanhado histórico, sobre a homossexualidade masculina, abordado que essas relações eram aceitas socialmente e até celebradas, especialmente entre a elite na Grécia antiga, especialmente em Atenas e Esparta. Já na Roma antiga a bissexualidade era amplamente aceita, desde que isso não impactasse na vida social dos envolvidos.

Apenas com a ascensão do cristianismo que se inicia o movimento de repressão às relações com pessoas do mesmo sexo. Isso ocorre porque a Igreja, fundamentada nos princípios

¹ Safo foi uma poetisa grega da ilha de Lesbos (séc. VII-VI aC), conhecida pela sua poesia lírica que celebrava o amor, incluindo relações entre mulheres. Sua obra influenciou a literatura ocidental e é considerada um símbolo da cultura LGBTQIA+.

da Escolástica e, especialmente, nos ensinamentos de Tomás de Aquino, relacionou o ato sexual com o pecado e o considerou algo moralmente negativo. A expansão do cristianismo como lema moral da sociedade fortalece o heterossexismo, colocando a heterossexualidade no centro e como a única orientação sexual aceitável (Borillo,2010).

Essa distorção acompanhou a sociedade contemporânea que atribui à lesbianidade um erro, uma imoralidade, e que a todo momento tenta impor princípios cristãos nessas relações. Os comentários que reforçam essa categoria se encontram nos posts 7, 8 e 9 e são eles: *Estamos vivendo finais dos tempos; Volta logo Jesus, esse mundo está assustado; Umas “veias” dessa perto de partir pra glória tinha que se converterem; Jesus precisa voltar; Tem que aceitar Jesus.*

Os comentários são um reflexo de como foi constituída a homofobia e de como até os dias de hoje o lema moral empurra as relações para uma lógica heterocentrada mesmo nas relações onde o homem não está inserido, atribuindo ainda um dilema moral nessas relações que fortalece a ideia de que umas pessoas serão salvas e outras não.

7. O PAPEL SOCIAL DA MULHER

A categoria "*O papel da mulher*" abrange comentários que refletem as expectativas sociais sobre os papéis de gênero tradicionalmente atribuídos ao masculino e ao feminino. Esses papéis, rigidamente definidos, são reforçados pela estrutura social binária que se baseia na heterossexualidade como norma. De acordo com Rich (1980), a heterossexualidade compulsória atravessa a vida de todas as pessoas, impondo padrões de comportamento e identidade que mantêm a divisão de gênero. Nesse contexto, as mulheres são constantemente colocadas em posições subalternas, enquanto se espera que desempenhem papéis femininos que sustentam a normatividade heterossexual.

Essa normatização se manifesta em diferentes formas de controle, desde a exploração do trabalho feminino até a restrição de sua mobilidade física. As mulheres são frequentemente tratadas como objetos de troca entre homens e encontram obstáculos à expressão de sua criatividade e ao acesso a amplos campos do conhecimento social e cultural. Esses fatores demonstram como as construções de gênero, reforçadas pela heterossexualidade compulsória, limitam as experiências e a autonomia das mulheres (RICH, 1980).

O papel de gênero atribuído às mulheres é historicamente descrito e narrado a partir da representação, dos desejos e do imaginário masculino, evidenciando como a perspectiva masculina molda a compreensão social sobre as identidades femininas. Essa construção

histórica não apenas limita as experiências das mulheres, mas também perpetua estereótipos que reforçam a desigualdade de gênero. (PAISON; STREY, 2012)

Os comentários que contribuem e reforçam a categoria do papel da mulher podem ser vistos nos posts 1, 2, 4, 5 e 10, e são respectivamente: *É homem mesmo, aprendeu a mentir; Nós homens somos assim é?; Vai lá por um absorvente e lavar uma louça muié; Tá precisando é de um macho; Descarregar um caminhão de tijolo não quer né?; Você não é homem, você nunca vai ser tão bom quanto um homem, você está aqui para os homens; Louça lavada, evita paulada; Falta de roupa pra lavar; Mulher tentando ter marra de homem é RIDÍCULO.*

A binaridade em que a nossa sociedade está constituída é frequentemente lembrada à nós mulheres, os homens como detentores do poder, dos maiores salários, da liberdade e do saber, enquanto que para as mulheres o que resta é uma luta constante por espaço e se essa mulher for lésbica a luta se estende ainda por um resgate da sua própria identidade feminina.

8. O CORPO DA MULHER LESBICA – ESTIGMAS E ESTEROTIPIAS

A categoria *O corpo da mulher lésbica* compreende os comentários que trata o corpo da mulher lésbica como algo que não pode ser natural. Na sua obra “Corpos que importam” Judith Butler (2019) questiona como a sociedade define quais corpos importam ou são reconhecidos e quais são marginalizados ou excluídos. Erving Goffman (1963), um sociólogo, definiu o estigma como um processo social no qual as características de um indivíduo ou grupo é percebida como diferente, desviada ou indesejada, resultando em preconceito e discriminação atrelando o estigma a um defeito do corpo. Butler nos faz refletir sobre o fato de que o corpo e o sexo não são simplesmente realidades biológicas naturais, mas sim construções sociais. Ou seja, a forma como entendemos os corpos e suas identidades sejam femininos, masculinos, heterossexuais, homossexuais, trans ou outros é moldada por normas e expectativas culturais

Butler também fala sobre como se é atribuída desde a infância a ideia de que se deve performar a heterossexualidade. Ser homem ou mulher, para ela, não é algo que nasce com a pessoa, mas algo que é repetido, reforçado e performado através de ações e comportamentos ao longo da vida. E ele vale para o sexo biológico: o que consideramos "natural" sobre homens e mulheres é, na verdade, fruto de normas sociais que insistem que o corpo de um homem deve ser de uma forma e o da mulher de outra.

Corpos que não seguem essas regras são vistos como abjetos, ou seja, algo que é rejeitado, afastado ou colocado à margem. Isso gera uma exclusão brutal, onde muitas pessoas são

invisibilizadas, não reconhecidas ou até mesmo discriminadas, apenas porque suas existências desafiam as expectativas de gênero ou de sexualidade (Butler 2019). Os comentários que incorporam essa ideia se encontram nos posts 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, sendo eles: *Casal, é macho e fêmea, ou homem e mulher. Isso aí no máximo podemos chamar de dupla gay; eu já vi de tudo nessa vida, mas uma hétera top é a primeira vez o bullying é necessário; procurando um casal até agora! Julgam os héteros top, mas na primeira oportunidade tá fazendo igual; Não entendo a lésbica que não gosta de homens mas quer parecer um; Eu sou hétero, então está tudo certo, pois estou vendo uma figura masculina; Ela é o homem dos sonhos.*

A leitura desses comentários à luz da teoria de Butler nos permite entender como a construção social do gênero e da sexualidade ainda marginaliza e invisibiliza as mulheres lésbicas. Essas expressões reforçam a ideia de que o corpo da mulher lésbica deve ser submisso a um modelo heterossexual e binário, e aquelas que escapam desse modelo são imediatamente colocadas à margem, questionadas e deslegitimadas em sua identidade e sexualidade.

9. INVISIBILIZAÇÃO: A RESSIGNIFICAÇÃO DA MULHER LÉSBICA

A categoria *invisibilização: a resignificação da mulher lésbica*, abrange os comentários que minimizam a existência da mulher lésbica e a colocam em uma posição masculinizada. Para Freud (2018), o falo é um símbolo central na formação da identidade e na organização do desejo, ligado ao complexo de Édipo. Ele y, estabelecendo uma base binária para as identidades de gênero e as relações de poder.

Por sua vez, Lacan (1998) expande essa ideia ao considerar o falo não apenas como um aspecto biológico, mas como um “mestre significativo” dentro da linguagem e do inconsciente. Nesse sentido, o falo representa um poder simbólico que estrutura o desejo humano, colocando a heterossexualidade como norma. Isso resulta em uma visão em que a heterossexualidade é considerada central e “completa”, enquanto relações que fogem a esse padrão, como as lésbicas, são marginalizadas ou vistas como menos completas.

Na obra *Corpos que Importam*, Judith Butler (2019) apresenta uma ruptura com a psicanálise clássica, desafiando a centralidade do falo e a ideia de que ele é essencial para o desejo e a estrutura de poder. Ao introduzir o termo "falo lésbico", Butler não se refere a um símbolo ou órgão físico que as lésbicas tentam imitar, mas sim uma crítica à fixação psicanalítica no falo como o único mediador do desejo. Ela argumenta que o desejo e o prazer entre mulheres não dependem do corpo masculino ou de uma estrutura heteronormativa para

existir. Pelo contrário, o desejo lésbico permite uma utilização subversiva do falo, na qual o prazer e a dinâmica do poder podem ser recriados e reapropriados sem a necessidade de um referencial masculino.

Respectivamente, os comentários que trazem essa estigmatização são encontrados nos posts 1, 2, 4 e 6, e são eles: *Na hora H quem fica duro? Só parece msm kkk pq pistola não tem kkk; Por que ela dança como se tivesse o membro lá embaixo ? Kkkk; A camiseta eu não sei, mas o short é 100 pau; Ainda bem que não tem o risco de quebrar os ovos; Síndrome do saco imaginário; Faltou só pegar no ovo; Engravidou com o dedo? Dedo já faz menino? Tá faltando o pai? trisal? Quem reproduz é só macho e fêmea.*

Essa categoria ilustra a invisibilização da mulher lésbica, ao reduzir os estereótipos masculinizados ou, de maneira pejorativa, associar sua sexualidade à falta de masculinidade ou à ausência de um referencial masculino. Piadas sobre a sexualidade lésbica, como a ideia de que uma mulher lésbica “não tem” certos atributos esperados para o corpo feminino, reforçam a marginalização da identidade lésbica. Além disso, ao ridicularizar a possibilidade de prazer entre mulheres sem a presença do falo, esses comentários desvalorizam e ignoram o desejo lésbico, tratando-o como algo inferior ou incompleto. Essa estigmatização revela uma dificuldade persistente em reconhecer a autonomia e o prazer de corpos que fogem às normas heterossexuais, especialmente quando esses corpos desafiam diretamente as estruturas de poder simbólicas que sustentam essas normas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa realizada, constatou-se que a lesbofobia se reinventa conforme os avanços sociais, adaptando-se a novas formas de perpetuação. A chegada das redes sociais, por exemplo, trouxe um ambiente em que muitas pessoas se sentem mais à vontade para expressar comentários negativos, frequentemente carregados de raiva, repulsa e marcados pela estigmatização das vivências lésbicas. Mesmo com as diretrizes das plataformas para coibir discursos de ódio, essas manifestações ainda possuem influência significativa, revelando a persistência de preconceitos enraizados.

Os objetivos específicos, que buscavam entender como as estruturas sociais pré-estabelecidas podem ter impactos na construção do sujeito e explorar como a violência simbólica e o preconceito se manifestam na vida de mulheres lésbicas, foram compreendidos e alcançados. Evidenciou-se que a homofobia, desde tempos remotos, estigmatizou os corpos lésbicos, criando marcas que reverberam hoje tanto nas interações presenciais quanto no ambiente digital.

Desta foram o objetivo geral, que buscava identificar as consequências desse processo na significação da lesbianidade, ele foi realizado ao verificar como as mulheres lésbicas são percebidas e tratadas na sociedade. Os impactos negativos incluem a falta de identidade, representação e acolhimento, refletindo uma exclusão sistemática por parte da população.

Este recorte, ao mesmo tempo que abre espaço para reflexões profundas, também destaca a necessidade de novas investigações a cerca da violência de gênero e corpo, como também um maior aprofundamento sobre LESBOFOBIA, especialmente, no que diz respeito a outros grupos. Estudos futuros poderiam, por exemplo, comparar como a lesbofobia impacta mulheres lésbicas cisgênero e transgênero, ampliando a compreensão sobre a significação da lesbianidade e as nuances que atravessam diferentes vivências.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L.** *Análise de conteúdo*. Edição revista e ampliada. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BUTLER, Judith.** *Corpos que importam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. Tradução de Rogério Bettoni. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CANTARELLA, Eva.** A mulher e a homossexualidade. Em: *Segundo a natureza: a sexualidade na Antiguidade Clássica*. Tradução de Maria del Mar Llinares García. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CASTELLS, Manuel.** *A sociedade em rede*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 414-417.
- FOUCAULT, Michel.** *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de José Augusto Guilhaon Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FREUD, Sigmund.** *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Tradução de [nome do tradutor]. São Paulo: Companhia das Letras, [ano].
- GIMENO, Beatriz.** *História e análise política do lesbianismo: a libertação de uma geração*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2005. p. 33-47.
- GOFFMAN, Erving.** *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- META PLATFORMS INC.** Termos para desenvolvedores do Facebook. Menlo Park, CA: Meta Platforms Inc., 2024. Disponível em: <https://developers.facebook.com/terms/>. Acesso em: 15 nov. 2024.
- PAISON, V.; STREY, A.** Gênero e Educação: uma análise da produção de conhecimento em educação matemática. *Educação e Pesquisa*, v. 2, pág. 425-440, 2012.
- PISCITELLI, Adriana.** Gênero, sexualidade e a construção da antropologia feminista no Brasil. *Estudos Feministas*, 2008.
- POSTMAN, Neil.** *Divertindo-nos até a morte: discurso público na era do show business*. 1. ed. Nova York: Penguin Books, 1985.
- RICH, Adrienne.** Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.
- TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva.** Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, Rio de Janeiro, ano 10, n. 3, pág. 729-749, 3º quadrimestre de 2010.
- WELZER-LANG, D.** A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 2, 2001.